

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES JUVENIS POR MEIO DO AUDIOVISUAL: CASO TV OVO

Neli Fabiane Mombelli y Rosane Rosa.

Resumo

O presente artigo apresenta um estudo de caso da TV OVO – uma associação sem fins lucrativos, localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil – e visa a discutir a formação das identidades culturais contemporâneas e o exercício da cidadania comunicativa. A metodologia adotada inclui análise qualitativa por meio da pesquisa empírica. Inserida na comunicação comunitária, a TV OVO proporciona formação audiovisual para jovens cidadãos que vivem em áreas pobres da cidade. Esta instituição promove um espaço de transformação social, de protagonismo juvenil e de democratização do acesso à produção de vídeos e à cultura. A metodologia educacional utilizada pela instituição desenvolve importante papel na construção das identidades juvenis. Ainda, a TV OVO é um caso interessante para comunicação, na medida em que se caracteriza como uma mídia comunitária, sem afiliações político-partidárias, gerida por jovens.

Palavras-chave

Comunicação comunitária, identidades juvenis, cidadania, educação

Abstract

The present article presents a case study of TV OVO – a non-profitable association which is located in Santa Maria in the state of Rio Grande do Sul, Brazil – and aims at discussing the formation of contemporary cultural identities and the practice of communicative citizenship. The methodology adopted includes qualitative analysis and empirical research. Inserted in the community communication, TV OVO provides audiovisual formation for young citizens who live in impoverished areas of the city. This institution is a space that fosters social transformation, active participation of young people, as well as democratisation of access to video production and culture. The educational approach adopted by the institution plays an important role in the construction of identity of young people. Besides, TV OVO provides an interesting case for communication, inasmuch as it is characterised as a community media that has no political affiliations and is managed by young people.

Keywords

Community communication; identity of young people; citizenship; education

IDENTIDADES CULTURAIS CONTEMPORÂNEAS

A discussão em torno da identidade entra em voga com a modernidade e, mais se acentua, na pós-modernidade, em função da globalização, do crescimento dos movimentos sociais e do avanço das novas tecnologias. Neste contexto, o modelo Estado-nação vê-se enfraquecido e simultaneamente as barreiras geográficas e econômicas são quebradas. A realidade social global se reconfigura e passa a circular em rede, fazendo com que a questão da identidade entre em crise.

Woodward (2009, p.67) explica esse fenômeno:

A identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência de “novos movimentos sociais”, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais.

Essa preocupação com a reconstrução das identidades cresce na medida em que o colapso do Estado de bem-estar social faz aumentar a sensação de insegurança. E, assim, no mundo líquido, abordado por Bauman (2005, p. 19), as pessoas se deparam com diversas “comunidades de idéias e princípios, sejam genuínas, ou supostas, bem-integradas ou efêmeras”. Segundo ele, “as identidades flutuam no ar e é preciso capturá-las em pleno vôo”. Mas neste cenário entra outra questão, a dicotomia entre o fixar-se e o flutuar, uma vez que “o anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo” (p. 35). Ambíguo porque flutuar significa ao mesmo tempo o desapego a determinado lugar, o que pode causar ansiedade e insegurança, ao passo que fixar-se diante de uma diversidade de alternativas pode causar angústia na escolha, fazendo com que esta deixe de ser atraente.

Ao refletir sobre as questões relacionadas às identidades destacam-se, ainda, a flexibilidade e a capacidade delas de se reconstruírem e se remodelarem com o passar do tempo, com as experiências vividas e com a capacidade de apropriação do sujeito na formação da sua identidade cultural. Hall (2009, pp. 108-109) afirma que “elas não são nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas”. Defende, também, que “elas têm

muito a ver com o que os sujeitos: “*quem nós podemos nos tornar*”, “*como nós temos sido representados*” e “*como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios*” (p. 109). Trata-se de múltiplas afetações, internas e externas.

Já, Castells (2006) define a identidade como fonte de significado, em função do processo de autoconstrução e individuação que envolve as experiências de um povo.

Entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras formas de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver múltiplas identidades. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social (Castells, 2006, p. 22).

Nessa perspectiva, a construção da identidade se dá por meio de relações de conflito e de poder. Assim, o autor propõe três formas de constituição da identidade: legitimadora, de resistência e de projeto, estando elas estritamente relacionadas ao contexto social e às formas de representação. A identidade legitimadora é mantida pelas instituições constitutivas dominantes da sociedade, como a escola, a igreja e o Estado, com finalidade de estender e racionalizar a sua dominação sobre os atores sociais. A de resistência é constituída por atores que se encontram em posições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela sociedade, criando formas de sobrevivência em relação à lógica da dominação que se opõe aos princípios usuais ou são diferentes deles. Já, a identidade de projeto dá-se quando os atores sociais se utilizam de algum bem cultural ao seu alcance para construir uma identidade de forma a redefinir sua posição na sociedade, podendo transformar a estrutura social que os cerca.

Independente da forma de constituição da identidade, ela sempre se dá por meio da representação. A representação é como qualquer sistema de significação simbólica - é uma forma de atribuir sentido (Silva, 2009). Sentido à experiência do sujeito e ao que ele se constitui. É isso que lhe permite responder quem é e o que quer ser. Da mesma forma, segundo Touraine (1997) a identidade se constrói sustentada pela diferença, pois depende da alteridade para se constituir. Ela sempre se dará por uma lógica de exclusão,

à medida que se reconhece como tal por ter características que outra identidade não tem, fundamentando-se no relacional.

No entanto, Cuche (1999) salienta que apesar da estreita ligação, não se pode confundir identidade cultural com noções de cultura. A cultura depende, na sua maioria, de processos inconscientes, já que pode existir sem consciência de identidade. Já a identidade está diretamente vinculada a processos conscientes, baseada em oposições simbólicas, podendo até manipular e modificar uma cultura. O autor (1999, pp. 182-183) afirma que a identidade cultural está diretamente ligada à questão da identidade social - ela é uma construção social e faz parte do âmbito da representação: “a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e escolhas”. Assim, é nas “trocas sociais” que a identidade constantemente se constrói.

Então, a construção da identidade dá-se tanto no individual, por meio de processos de subjetivação, como no social, já que o homem é um ser social e é influenciado, mas também pode influenciar, pelo meio que o circunda. Medeiros (2004, p. 117) lembra que a vida em sociedade envolve normas, crenças, valores, imagens e representações que se relacionam com diferentes grupos de identificação e/ou pertencimento. “A identidade permite que o indivíduo consiga se situar em um sistema social e seja, neste mesmo sistema, localizado socialmente”. Assim, a identidade também se constrói a partir da adesão e/ou rejeição que o indivíduo terá em seu meio social.

IDENTIDADES JUVENIS, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E COMUNIDADE

As identidades juvenis estão cada vez mais perpassadas pelo consumo e pela apropriação tecnológica, características estas inerentes à atualidade. Martín-Barbero (2001) fala que ser jovem hoje tem seu sentido invertido, ao passo que isso significa a matriz cultural de um novo ator social, de um novo valor que se confronta com o que representa ser velho – isto é, a experiência e a memória. Trata-se de uma identidade que desafia a percepção e a racionalidade: é uma “identidade que se forma em um duplo movimento de des-historização e de desterritorialização que atravessam as demarcações

culturais. E deslocalizadas as culturas tendem a hibridar-se como nunca antes” (Martín, B., 2001, p. 240). Segundo ele, há uma desvalorização da memória, uma espécie de apagamento histórico, uma empatia tecnológica e uma contracultura política.

Esse tipo de imersão dos jovens na atualidade, como lembra Ronsini (2007, p. 15), caracteriza um modo diferente de relação com o imaginário social. Os estudos que abordam as identidades juvenis permitem “enfrentar os desafios que a globalização nos instiga a pensar, pois as relações entre as culturas juvenis e as indústrias culturais são sintomáticas de mudanças profundas nos modos de ser, perceber e relacionar-se no mundo contemporâneo”.

Ao referir-se a essa identidade juvenil e contemporânea, Borelli e Oliveira (2010, p. 11) destacam a “importância do associativismo juvenil em grupos culturais, artísticos e esportivos que ocupam espaços públicos”. Segundo elas, esses exercícios envolvem pertencimento, apropriação e produção coletiva que estimulam a constituição de hábitos culturais participativos e democráticos, desencadeando jovens protagonistas - agentes transformadores do mundo em que vivem.

Pertencimento, apropriação e participação constituem-se nos pilares que sustentam o conceito de comunidade, assim como a representação social que é tomada e construída a partir dela. O uso do conceito de comunidade remonta ao século XIX. Um dos pesquisadores do assunto foi Ferdinand Tönnies, apontado como teórico da comunidade (Miranda, 1995). É ele quem cria a dicotomia ente comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*), em que a primeira, espécie de tribo primitiva, associada a hábitos, costumes e religião, opõem-se à segunda, caracterizada pela vida moderna, pela convenção social, pelo individualismo. Trata-se de construções idealizadas.

Durkheim e Buber também possuem suas teorias baseadas no tipo ideal. Para Émile Durkheim (1978 apud Recuero, 2005), a comunidade antecede a sociedade. É após que ela se transforma em sociedade. De mecânica, a sociedade passa para uma forma orgânica, fonte de trocas sociais, onde por meio da divisão do trabalho surge a solidariedade orgânica, onde todos os indivíduos são necessários. Já Buber (1987)

acredita numa “nova comunidade”, que tem como base a escolha e não os laços de sangue como as comunidades antigas.

Na forma contemporânea de pensar, podemos citar Weber. Ele diz que comunidade e sociedade coexistem. O conceito de comunidade é baseado na ação social. Para Weber (1973, p. 142), ela se apóia em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional – ou seja, tem-se o sentimento de pertencer, no “sentido de formar um todo”. Maffesoli (2006) fala na “comunidade de destino” em que se recriam os usos e costumes, os mitos e ritos e habitus de uma dada sociedade.

Já Raquel Paiva (2002, p. 8) considera o conceito de comunidade marcado pela territorialidade e pela centralidade, onde uma coletividade, num determinado território, possui problemas comuns que não podem ser resolvidos de maneira individual. É a partir disso que a autora fala em comunidade gerativa, sobre a qual “pretende-se designar o conjunto de ações (norteadas pelo propósito do bem comum) passíveis de serem executadas por um grupo e/ou conjunto de cidadãos”. Isso se dá devido à falência das políticas públicas e uma série de outros fatores que geram a busca por alternativas.

Henriques (2005) discute o formato multiaxial das comunidades contemporâneas colocando em xeque a noção de territorialidade, já que não é condição para isso o compartilhamento de um território comum. O autor diz que os limites externos da comunidade são difusos, com diversos centros de convergência dos sujeitos, e isso está diretamente ligado ao desenvolvimento dos meios de comunicação. Já Bauman (2003, p. 57), ao referir-se à questão da identidade, diz que a comunidade é vista como lugar de aconchego “lugar da segurança, do pertencimento, dos vínculos e das semelhanças identitárias”.

A discussão não se esgota nesses aspectos, pois cada grupo pode entender o conceito de comunidade de maneira diferente, da forma que melhor traduzir a sua realidade. Independente dos significados, sabe-se que a comunidade é fonte de identidade

(Castells, 2006), pois é construída a partir de desejos e interesses comuns, tornando-se um espaço, não necessariamente físico, de trocas e de pertencimento, de identificação.

TV OVO – A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE JUVENIL

Discutir a formação da identidade de sujeitos contemporâneos é vislumbrar diversas possibilidades nos contextos históricos e sociais a que cada pessoa está ligada ou que se relaciona. Manuel Castells (2006) afirma que a construção das identidades está ligada a um contexto social e que devem ser situadas historicamente.

Para aprofundar um pouco mais a discussão acerca da formação das identidades inseridas em um contexto social, histórico e cultural, toma-se o caso da TV OVO, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, surgida em 1996, pela iniciativa da associação de moradores da Vila Caramelo com o apoio da Escola Municipal Irmão Quintino. Inicialmente, era apenas uma oficina de audiovisual para os adolescentes do bairro periférico, mas, em 1997, foi institucionalizada pelos próprios jovens participantes que se tornaram monitores das oficinas conseguintes. A TV OVO é uma associação comunitária sem fins lucrativos que proporciona formação sociocultural e técnica em audiovisual a crianças e adolescentes da periferia da cidade. Ao longo dos seus 15 anos de existência, mais de 500 jovens participaram das oficinas, uma média de 30 por ano. A TV OVO caracteriza-se como um espaço e um meio alternativo de comunicação que simultaneamente visa à formação profissional de jovens em situação de exclusão social e promove a democratização do acesso ao direito social à cultura. Além disso, possibilita que eles entendam e produzam peças audiovisuais sempre abordando a realidade onde vivem, incentivando o protagonismo juvenil na medida em que promove projetos que os colocam em contato direto com a comunidade, desencadeando um processo de criticidade na forma de pensar e de agir (Freire, 1979).

A TV OVO se constitui um movimento social que contribui para suprir necessidades da sociedade civil buscando parcerias com outros movimentos e instituições. Nesse caso específico, trata-se da necessidade de uma política social que proporcione a formação e o acesso a atividades culturais a jovens que vivem em situação de exclusão na periferia

de Santa Maria. Peruzzo explica como esse processo de estruturação e atuação acontece na esfera dos movimentos sociais.

Em primeiro lugar passam de uma fase de manifestações públicas, para uma outra em que se preocupam em constituírem-se enquanto organizações legal e solidamente estruturadas. Depois, sentem a necessidade de uma articulação, a que alguns chamam de “unificação” dos movimentos. É a articulação de entidades e movimentos visando ações conjuntas, seja em nível setorial, municipal, estadual e nacional. Por fim, passam a aceitar participar de parcerias com o setor público e também com instituições privadas, como forma de somar forças e atender as demandas crescentes da sociedade (2002, p. 7).

Parcerias com a sociedade, instituições privadas e projetos em editais públicos são as formas encontradas por essas organizações para sobreviver. Os movimentos sociais contribuem para uma maior conscientização, mobilização e participação política provocando mudanças no “campo da cultura política”, e no “processo de democratização e ampliação da conquista de direitos de cidadania” (Peruzzo, 2002, p. 8).

A participação na TV OVO se dá através do ingresso dos jovens nas oficinas de audiovisual realizadas em escolas de bairros periféricos. A oficina ocorre em um período de três a oito meses, com cerca 6 horas/aulas semanais. Ao concluir a oficina, quem tiver interesse, pode integrar a entidade de forma voluntária. As atividades compreendem a produção de um programa mensal de trinta minutos sobre temáticas de interesse da comunidade exibido no transporte coletivo municipal, além de itinerâncias cineclubistas e coberturas de eventos como a Feira do Livro de Santa Maria, a Feira Estadual do Cooperativismo, O Festival de Vídeo e Cinema, o Fórum Internacional do Software Livre, entre outros.

Atualmente, conforme o conceito de identidade proposto por Castells (2006), podese associar a TV OVO com a “identidade de projeto”, pois, passados 15 anos, ao se utilizar do audiovisual, ela se constituiu num espaço de identificação, que envolve participação, sentimento de pertença, apropriação e representação por parte dos jovens que atuam nela, como protagonistas de sua própria história. Trata-se da

inserção da pessoa num processo de comunicação, onde ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, onde ela pode educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas (Peruzzo, 2002, p. 9).

Nesta perspectiva de sociabilidade, é relevante estudar como os jovens, oriundos da periferia e frutos de uma cultura urbanizada e marginalizada se apropriam de uma mídia alternativa, no caso a TV OVO, e demais, como esse processo influencia na formação das identidades culturais. Isso permite compreender um pouco mais do multi-universo e das identidades juvenis que se constroem no cotidiano, bem como verificar o papel dos movimentos sociais nesse processo plural e contemporâneo.

Observa-se na TV OVO a constituição de uma identidade profissional audiovisual dos jovens participantes, gerando novas perspectivas de melhoria de vida e tornando-os atores sociais mais criativos e autônomos. Isso pode ser constatado na medida em que muitos dos jovens que participaram das oficinas buscaram profissionalizar-se em nível superior e atuam em TV's, produtoras, Pontos de Cultura¹ e na própria TV OVO. No entanto, essa atuação não se restringe somente ao fazer técnico, mas também à produção de conhecimento e democratização da cultura, na medida em que produzem filmes, documentários e reportagens televisivas.

Ao participar e se apropriar dos aspectos culturais proporcionados pelas atividades desenvolvidas na TV OVO, tem-se a constituição de sujeitos – jovens que deslocam-se do lugar comum e se transformam em atores sociais. Touraine (1997) define o sujeito como a combinação de uma atividade racional e de uma identidade cultural e pessoal, que torna o indivíduo em um ator social, capaz de modificar o meio em que vive.

Para o indivíduo se tornar sujeito, é preciso que antes ele se reconheça como tal para também ser reconhecido pelo Outro, isto é, ser sujeito pressupõe reconhecer o Outro e a si mesmo como sujeitos. Trata-se de constituir-se na alteridade, buscando o reconhecimento da universalidade e da particularidade do Outro. Neste contexto, está a diversidade cultural, “que procura combinar a diversidade das experiências culturais

com a produção e a difusão de massa dos bens culturais” (Touraine, 1997, p. 225), buscando o equilíbrio com a visão da complementaridade. Trata-se de educar para a cidadania, ou seja, reconhecer as diferenças e ter a capacidade de conviver com a cultura do outro.

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E A FORMAÇÃO PARA CIDADANIA

Viver na complexidade atual requer reconhecer a diversidade e a pluralidade dos sujeitos. É a partir disso que se pode estabelecer um diálogo entre a comunicação comunitária, o multiculturalismo e a educomunicação. Ou seja, trabalhar as questões da diversidade aliando educação e comunicação para além dos aspectos teóricos, aplicando-os no dia a dia. Peruzzo (2002) lembra que no âmbito do terceiro setor, essa junção atua, principalmente, em favor da cidadania:

As pessoas, ao participarem de uma práxis cotidiana voltada para os interesses e necessidades dos próprios grupos a que pertencem ou ao participarem de organizações e movimentos comprometidos com interesses sociais mais amplos, acabam inseridas num processo de educação informal que contribui para a elaboração - reelaboração das culturas populares e formação para a cidadania (Peruzzo, 2002, p.2).

No caso da TV OVO, que abarca uma pluralidade de jovens, oriundos de diferentes bairros, formações e realidades, tem-se um espaço de vivência, aprendizado e construção de identidades multiculturais. Enquanto meio de comunicação alternativo, ela se apresenta como um ambiente que favorece o protagonismo juvenil. Os sujeitos refletem, problematizam e dão visibilidade ao seu cotidiano, tornando-se autores de sua história e constituindo novos sentidos para suas vidas. Trabalhar questões como direitos e deveres relacionados a suas realidades dando visibilidade por meio do audiovisual. Nesse aspecto reporta-se a Canclini (1999, p. 46) quando afirma que “ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento”. Já Vieira (2001), destaca que a cidadania, no campo das Ciências Sociais, reúne valores que perpassam a solidariedade, o pertencimento, a igualdade, a participação e a liberdade.

Mata (2006) trabalha o conceito de cidadania comunicativa que remete aos direitos de liberdade de expressão, direito à informação e à possibilidade de exigir visibilidade de assuntos de interesse público. Na perspectiva da autora (p.13) a cidadania comunicativa “se entrelaça com as referências identitárias e os desejos gerais de igualdade não só em relação ao Estado, mas também em relação com a ação do mercado e todo o tipo de dispositivos que promovem a desigualdade”.

Este entrelaçamento inclui o relevante papel desempenhado pela TV OVO no exercício da cidadania e na formação das identidades culturais dos jovens ao se constituir em processos educativos e ao envolvê-los na produção de informação, de conhecimentos e na representação da comunidade onde estão inseridos. Além dos participantes aprenderem a técnica audiovisual, também são trabalhadas bases conceituais no que se refere à comunicação comunitária, como um processo participativo e dialógico de empoderamento individual e coletivo. Eles debatem desde o tipo de informações a ser trabalhada, a forma, a linguagem - componentes que vão além da técnica e da simples transmissão de saber, mas que se dão por meio de uma construção coletiva de saberes. Trata-se de uma comunicação pensada e gestada por jovens, com base nos princípios educacionais e comunitários, que implica na “participação ativa, no sentido de pertença que desenvolve entre os membros, na co-responsabilidade pelos conteúdos emitidos, na gestão partilhada, na capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais” (Peruzzo, 2005, p. 4).

A comunicação comunitária é o pano de fundo de todo esse processo, ao passo que ela surge da necessidade de democratização do acesso e da produção de informação, e se desenvolve enquanto uma alternativa perante o monopólio midiático, permitindo à população criar suas próprias formas e instrumentos para a defesa de seus interesses. Peruzzo (2006, p. 9) a caracteriza por “processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania”.

Em uma ampliação da cidadania é reforçada por Sodré (2005), ao discorrer sobre as minorias, ele fala da busca de uma abertura contra-hegemônica, onde se dá vez e voz a quem não tem. Este desejo vai de encontro do conteúdo de Castells (2006), de “identidade de projeto”, já mencionada neste trabalho. Já Barbalho (2005) defende que a cidadania inicia com o acesso democrático as tecnologias de comunicação e informação. Este acesso permite um alargamento das relações socioculturais e comerciais com o direito à informação para a constituição do indivíduo em sujeito.

Essa pluralização dos meios de comunicação permite a formação de atores sociais frente a veículos alternativos e consente a jovens, como os da TV OVO, serem protagonistas de sua própria realidade, estimulando e desenvolvendo a mobilização e a participação cidadã, por meio de processos educomunicativos.

As relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e relacionar-se com a sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Apropriam-se das técnicas e de instrumentos tecnológicos de comunicação, adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem como pelo que aprendem por meio da vivência, da própria prática (Peruzzo, 2002, p. 11).

A educação deixa de ser algo limitado aos bancos da escola e se expande para a esfera informal. Trata-se de informações produzidas para e pela comunidade, o que significa que além de os sujeitos se constituírem no espaço da TV OVO, eles também se constituirão em outros espaços de sociabilidade, principalmente na comunidade onde interage, participa, atua e se enxerga nas produções audiovisuais.

O processo realizado na TV OVO envolve várias fases como: conhecer a comunidade onde vive, se informar sobre seus anseios, abordar os projetos desenvolvidos; pesquisar junto a comunidade as pautas e temáticas de interesse comum; discutir aspectos e formas mais adequadas de abordá-las. Em seguida parte-se para produção, gravação; edição, e por fim exibição na e para a comunidade. Esse envolvimento faz com que os jovens atuem e se apropriem desse canal de comunicação comunitária. E no momento

que tomam gosto pelo pensar e fazer comunicação nesta esfera alternativa, muitos buscam o aperfeiçoamento através de um curso ou formação técnica superior na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel dos movimentos sociais é o de fazer frente aos problemas enfrentados pela sociedade, buscando alternativas para superá-los. Embora a proposta da TV OVO não esteja necessariamente ligada a uma demanda mais incisiva do país, como, por exemplo, o Movimento Sem Terra (MST) ou o movimento sindical, ela, indubitavelmente, exerce uma função relevante ao possibilitar que jovens tenham a oportunidade de fazer a diferença, criando novas alternativas para suas vidas.

Projetos como este, mesmo que atendam a um número limitado de jovens, vão, aos poucos, causando transformações profundas nas comunidades populares. O incentivo ao protagonismo juvenil, ao proporcionar que os jovens selecionem, coletivamente, as informações de maior interesse da sua comunidade produzam conteúdo e imagem; o sentimento de pertença, à medida que veem a TV OVO como um espaço de identificação, de compartilhamento de ideias, projetos e sonhos; a participação e comprometimento, permitindo que desenvolvam projetos que mantenham a TV funcionando e que envolvam os santa-marienses, tornando-a numa referência comunitária; a possibilidade de divulgar conteúdos e ganhar visibilidade, contribuindo para a descentralização da produção de informação e da própria cultura do audiovisual, estes aspectos fazem da TV OVO um espaço de exercício da cidadania comunicativa e de constituição de identidades.

Além disso, a TV OVO é uma importante ferramenta na propagação da educação informal, ao trabalhar na perspectiva da educomunicação. Ela ensina aos jovens técnicas e conceitos audiovisuais, desenvolvendo a sua criticidade e criatividade. Quando se desconstrói e se aprende o processo de produção audiovisual, a maneira de receber e apropriar-se desses produtos e mensagens muda significativamente. Ainda, torna-se interessante no campo da comunicação por ser uma mídia comunitária, que dá espaço para jovens gerirem a produção de informação que irá circular e por trabalhar

basicamente com cultura, entretenimento e informações, desprendida de qualquer vínculo político-partidário.

Outro aspecto a ser salientado, é que na medida em que se trabalha a comunicação e a educação, também são trabalhadas as diferenças da sociedade, que se compõe como plural e diversa. A TV OVO, ao se constituir num ambiente que abriga jovens oriundos de diferentes realidades e formações, acaba por abordar essas questões e abranger o multiculturalismo, de forma a educar para o convívio com as diferenças e para o respeito com as mesmas.

Movimentos dessa natureza forjam a participação e mobilização social, o envolvimento comunitário e ampliam a possibilidade de exercício da cidadania. Ao se inserir nesse processo educomunicativo, o jovem torna-se sujeito e protagonista da própria vida e do mundo onde está inserido. Isto agrega novos elementos ao seu conhecimento, enriquece sua cultura e lhe permite ver a realidade de uma forma diferente, transformando a sua relação com ela e com a sociedade.

Referências

- BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e Cultura de Minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BORRELLI, Silvia H. S.; OLIVEIRA, Rita de Cássia. **Jovens urbanos, cultura, novas práticas políticas: acontecimentos estético-culturais e produção acadêmica brasileira (1960-2000)**. In: 33º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. Anais Intercom, 2010. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3105-1.pdf>, acessado em 15 out. 2010.
- BUBER, M. **Sobre Comunidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- CASTELLS, Manuel, **O poder da identidade: a era da informação - economia, sociedade e cultura**. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **Comunidade de Destino**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006.
- MATA, C. **Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación**. Revista Fronteiras, v. 8, n. 1, jan./abril 2006. Disponível em http://www.audiovisual.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_frenteiras/vol8n1/art01_mata.pdf, acessado em 20 out. 2010.
- MARTÍN- BARBERO, Jesús. **Al sur de la modernidad: comunicación, globalización y Multiculturalidad**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana. Universidad de Pittsburgh, 2001.
- MEDEIROS, João Luiz. A identidade em questão: notas acerca de uma abordagem complexa. In: DUARTE, Maria B. B.; MEDEIROS, João Luiz (orgs.). **Mosaico de identidades: interpretações contemporâneas das ciências humanas e a temática da identidade**. Curitiba: Juruá Editora, 2004.
- PAIVA, R. **Política de minorias: comunidade e cidadania**. Salvador, Intercom, 2002.
- PERUZZO, Cicília M. K. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Revista PCLA – V. 4 – n. 1, out. / nov. / dez. 2002. Disponível em http://www.metodista.br/poscom/cientifico/docentes/cicilia-peruzzo/artigos-de_cicilia-peruzzo, acessado em 23 dez. 2010.
- PERUZZO, Cicília M. K. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária**. In: 29º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais Intercom, 2006. Disponível em <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19806/1/Cicilia+Peruzzo+.pdf>, acessado em 20 dez. 2010.

- PERUZZO, Cicília M. K. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania.** Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, ano II, n.3, jul/dic. 2005. São Paulo: ALAIC. p.18-41. Disponível em <http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/buscalegis/article/view/32403/31619>, acessado em 13 out. 2010.
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades em redes sociais na internet:** proposta de tipologia baseada no Fotolog.com. 2006. Tese – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006.
- RONSINI, Veneza Mayora. **Mercadores de Sentido.** Porto Alegre: Sulina, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e Cultura de Minorias.** São Paulo: Paulus, 2005.
- TÖNNIES, F. Textos selecionados. In: MIRANDA, Orlando de (org.). **Para ler Ferdinand Tönnies.** São Paulo: EDUSP, 1995.
- TOURAINÉ, Alain. **Iguais e diferentes:** Poderemos viver juntos? Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. (org.). **Comunidade e sociedade:** leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.
- WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

¹“São entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura [do governo federal] que desenvolvem ações de impacto sócio-cultural em suas comunidades. Um aspecto comum a todos é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e comunidade.” Disponível em <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/>